

J.B. (B),  
6/5/97

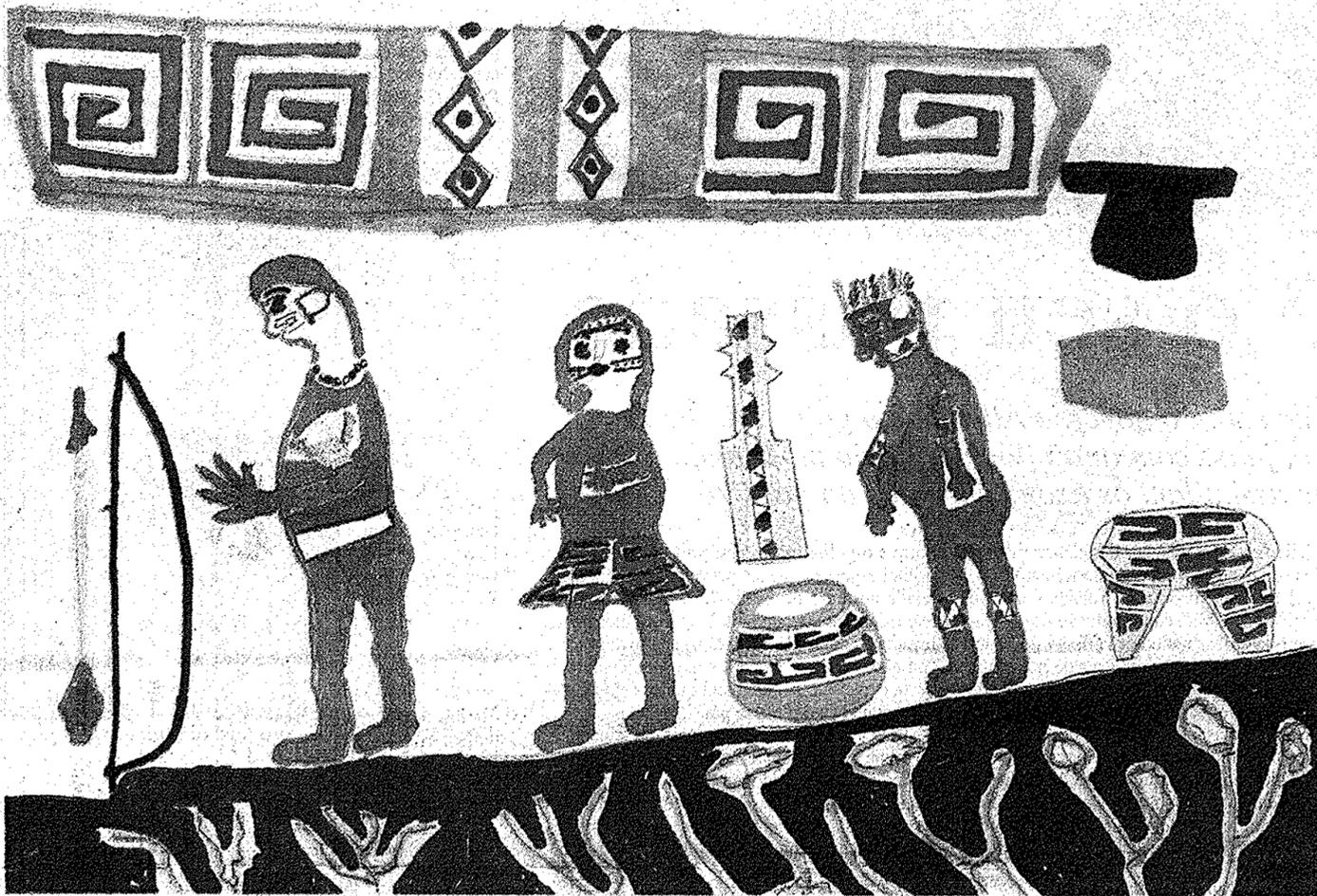


Alunos da Escola Kaxinawá do Caucho no Acre

Índios adquirem a escrita e reescrevem a nossa história na visão original de povos dominados rumo à cidadania

B

# Aulas na floresta



CLÁUDIO CORDOVIL

Os índios pataxós compatriotas de Galdino Jesus dos Santos, imolado por jovens em Brasília, preparam o livro *O povo pataxó e a sua história*. Nesta obra, que estará ao alcance da rede pública mineira de ensino no segundo semestre, um dos capítulos que mais chama a atenção é *O massacre de 1951*. A novidade é que, pela primeira vez na história do Brasil, esta agressão será narrada do ponto de vista dos vencidos e não dos colonizadores.

Pode-se imaginar um cenário de diálogo intercultural em que crianças não índias poderão conhecer a história do Brasil com a ajuda dos primeiros habitantes do país. Os índios não tinham uma escrita de sua língua ou mesmo da língua portuguesa. Por isso, tinham confiscado o seu direito à história. A aquisição da escrita por povos indígenas é recente, e se iniciou há cerca de 20 anos. Pode ser testemunhada em cerca de cinco experiências bem-sucedidas em todo o Brasil.

Na apresentação do livro *O povo pataxó, e sua história*, os índios pataxós afirmam, com a primazia devida aos anfitriões de Pedro Álvares Cabral em terras brasileiras: "Agora vamos ajudar a contar a história do Brasil desde os primeiros tempos". Eles aprenderam na carne as lições do filósofo alemão Walter Benjamin. Sabem que todo monumento de história é também um monumento de barbárie. Por isso, não fazem cerimônia em incluir, em um livro que circulará na rede pública de 1º grau, informações sobre massacres étnicos.

O *auto-de-fé* de Galdino poderá em breve fazer parte dos currículos dos professores indígenas que estão sendo treinados para alfabetizar suas aldeias. "Futuramente, pode vir a ser importante ler, com os índios textos sobre a marcha dos sem-terra: a Brasília e sobre o assassinato de

Galdino", explica Nietta Lindenberg, linguísta e mestre em Educação, que coordena a formação de professores indígenas, notadamente da etnia Kaxinawá, em uma iniciativa da Comissão Pró-Índio do Acre.

Indigenista com larga experiência e autora do livro *Escolas da floresta* (Ed. Multiletra), Nietta Lindenberg não achou espantoso o assassinato de Galdino. "Para nós que trabalhamos com a questão indígena, esta dramaticidade não é espantosa. O que me deixa perplexa é a surpresa diante deste tipo de fato, como se isso fosse inédito. O que tivemos agora foi apenas um pastiche, uma composição trágica e simbólica que comoveu a nação", sustenta. Ela lembra que a cada século exterminamos cerca de um milhão de índios.

A busca de educação é uma demanda da comunidade. "Faz parte da configuração social de uma aldeia. A noção de escola como local que prepara pessoas para determinadas atividades, usando ou não a língua indígena, é um fetiche fundamental para os índios", esclarece Nieta.

Esta experiência se iniciou no Acre em 1983. "Eles queriam conquistar a autonomia através de escola e ações de saúde, contabilidade e comércio. A escola prepara os funcionários da floresta", acrescenta. No Centro de Formação dos Povos da Floresta, em Rio Branco, representantes de 10 das 14 etnias (ou nações) que povoam o Acre recebem aulas em um currículo indígena bilíngue multicultural.

São aulas de psicultura, hortas orgânicas, alfabetização em português e nas línguas indígenas, dentre outras. Escolhidos pela comunidade, eles passarão por um curso intensivo de 60 dias e se incumbem de repassar os conhecimentos para outros membros da aldeia durante oito meses.

Só agora, libertando-se da longa noite colonial, os índios começam a encontrar leitores que partilham das nuances de seu coração e de uma memória coletiva única. "Eles vão fazendo leitores índios e é isso que propomos

como processo pedagógico. A cultura passa a imprimir sentidos no que está se passando com eles. O escritor índio não é só um autor que fala sobre sua história, mas tem a capacidade de interferir no meio", explica Nietta.

*Coisa tudo na língua Krenak; Dxpai e Itôha, O livro que conta histórias de antigamente, O povo pataxó e sua história; O tempo passa e a história fica, e Plantas medicinais: fonte de esperança e saúde* serão os próximos lançamentos de autores índios de Minas Gerais. Alguns destes livros são bilíngues e os outros, com títulos em português, representam um outro lado da barbárie: as etnias pataxó e xacriabá perderam totalmente sua língua indígena. "Os xacriabás estão recuperando vestígios de sua língua com a ajuda dos mais velhos e de documentos de viajantes", revela Maria Inês de Almeida, coordenadora da área de leitura e escrita do Programa de Formação de Professores Indígenas de Minas Gerais.

Os professores eleitos pelas etnias Krenak, Xacriabá, Pataxó e Maxacali recebem suas aulas em tempo integral no Parque Estadual do Rio Doce, em Belo Horizonte, durante um mês, em janeiro ou junho.

A situação que permitiu a imolação do pataxó Galdino tem a ver com a pauperização extrema sofrida por esta etnia, na avaliação dos indigenistas. "Apesar de estarem à mercê de um subcomércio de artesanato, uma contingência da pobreza, eles estão vendo nesta produção intelectual a possibilidade de alcançar um status social diferente na sociedade brasileira", revela Maria Inês, que se encantou com a produção literária pataxó. "Fiquei impressionada com o orgulho e a dignidade que transmitem, apesar das dificuldades".

Os seis livros indígenas mineiros, em fase de busca de patrocínio, terão uma tiragem de mil exemplares, para serem colocados à venda também em livrarias convencionais. A Editora Multiletra já lançou *A antologia da floresta*, que reúne textos de autores indígenas e não-indígenas.

## SENTIR SER ÍNDIO

(Grupo de professores indígenas do Acre)

Eu sinto que sou índio porque meu pai é índio, minha mãe é índia, meu avô é índio, minha avó é índia, e meus parentes são todos índios.

Sinto que sou índio porque falo minha língua, uso minha cultura e tenho outro costume, pinto meu rosto com jenipapo e urucu, uso nossas armas e nosso artesanato. Como jacaré, tatu, anta, peixe, macaco. Como caçuma, cipó, danço o mariri. Canto nossa cantoria na nossa língua.

Sinto ser um índio porque dentro da minha aldeia cada um de nós é dono de nossa pessoa, somos livres, temos nossa liberdade.

Sinto que ser índio é viver junto com nossa família, com nossos parentes, nossa comunidade. Usando com cuidado a nossa vida. É receber cada parente nosso, e não ter diferença de sangue preto ou branco,



é ser tudo igual. Todo índio é trabalhador, plantador, caçador. Índio não é brigador ...

... Sentir ser índio é não ter vergonha de ser índio no meio do branco

é sentir ser o primeiro habitante desta terra é sentir ser floresta, rio, igarapé e tudo que pertence à natureza.

Os índios precisam ser respeitados. Os índios são as raízes da floresta.

(Trecho extraído do livro *Antologia da floresta* / Ed. Multiletra)